

APRESENTAÇÃO

O objeto da história das ciências é a historicidade jamais dada daquilo que fazem os homens para falar das coisas.

François Delaporte

Não importa o grau de especialização do leitor. Alguns signos parecem circunscrever e destruir momentaneamente a singularidade das diferentes modalidades de leitura (leitura extensiva e intensiva, por exemplo): folhear ligeiramente um livro; correr os olhos sobre o texto de orelha; alterar a fisionomia como uma forma de revelar a estranheza das palavras que figuram na contracapa. Dos signos exteriores de leitura que marcam o contato inicial do leitor com o texto, talvez a consulta do sumário seja aquele que indique a passagem gradual ao seu universo interior (ou ao seu abandono definitivo). Vale ressaltar que, no Brasil – os sociólogos poderiam nos dizer –, os periódicos acadêmicos talvez estejam muito mais ligados ao universo da escrita do que ao da leitura. Isto porque não é incomum conhecer algum colega que, ao consultar o sumário de um periódico especializado, tenha tido a sensação, agradável ou não, de extrema familiaridade com os temas ali tratados.

Este não será, certamente, o caso de um dossiê dedicado à história das ciências, que em si mesmo parece trazer alguma novidade. País da invenção musical, da criação literária e da reflexão etnológica, o Brasil conta com poucos especialistas nessa disciplina – no campo historiográfico, seu número é ainda mais reduzido. Não que aqui não haja

produção científica: a tradição fluminense de Manguinhos, desde as descobertas de Cruz e de Chagas, atesta o contrário. Entre os historiadores, não nos parece estranho esse interesse reduzido por essa disciplina, sobretudo no momento em que as extravagâncias da onda pós-moderna fazem escola. A história das ciências, dizia Michel Foucault, não é uma disciplina dada a grandes exibicionismos. No interior de sua reflexão, não se pode fazer economia do verdadeiro; não há espaço para o relativismo; e o estatuto do falso, desde Gaston Bachelard, é uma premissa de sua reflexão. Vemos aqui pelo menos três temas defenestrados pela *vague* pós-moderna.

O leitor encontrará neste dossiê uma pequena contribuição para o estudo dessa disciplina. A pluralidade dos temas aqui tratados indica a amplitude desse campo de reflexão: o tempo, o mecanicismo, o anti-feminismo nos pequenos racionalismos, a metodologia da história da medicina, a singularidade de Cuvier na história da biologia, as diferentes problematizações de Foucault da história das ciências humanas, as epidemias como lugar de produção de mecanismos de controle social, a história das expressões de emoção e a racionalidade do conhecimento histórico. Interdisciplinar por excelência, a história das ciências é o entre-lugar em que os historiadores e os filósofos costumam se encontrar; é o entre-lugar onde se produz o devir filosófico da história e o devir histórico da filosofia.

Marlon Salomon